

CEAS - A RESISTÊNCIA DE SETORES DA IGREJA CATÓLICA DURANTE A DITADURA MILITAR NA BAHIA

GRIMALDO CARNEIRO ZACHARIADHES¹ - UFBA

APRESENTAÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é estudar como se deu a resistência da chamada Esquerda Católica durante o Regime Militar na Bahia. O enfoque é mais precisamente sobre o CEAS – Centro de Estudos e Ação Social, uma instituição ligada aos Jesuítas que foi fundada em 1967 para dar “uma resposta, mesmo que pequena, ao regime ditatorial que se instalou a partir da década de 60 aqui no Brasil”.²

A partir de março de 1969, o CEAS começou a publicar uma revista - os Cadernos do CEAS - para ser um instrumento de reflexão, de interpretação das mudanças por qual passava o Brasil, e principalmente o Nordeste, naquele momento histórico. Além, é claro, de ser um ponto de reação ao regime ditatorial que governava o Brasil desde 1964, vinculando os protestos que não tinham outro lugar para ecoar por causa da censura aos meios de comunicação.

O CEAS: A ESCOLHA DE UM OUTRO CAMINHO

Como a Igreja em geral, a Companhia de Jesus em toda a América Latina passou por transformações em sua atitude em relação à realidade latino-americana. A partir da década de 60, começou a incentivar a criação de *centros sociais* pelo continente. Alguns Jesuítas que trabalhavam principalmente em movimentos da Ação Católica decidiram reunir-se periodicamente para uma reflexão comum e foi desse grupo, com apoio de outros religiosos e de representantes da esquerda, que nasceu o Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) com a função de elaborar e adaptar a Doutrina Social Cristã de forma que respondesse a realidade brasileira, em especial a do Nordeste.

O CEAS além de ser uma instituição de reflexão, é uma instituição pastoral, de transformação. O *Centro Social* é o principal representante da Teologia da Libertação na Bahia. A Teologia da Libertação é um movimento que surgiu na Igreja Católica latino-americana, a partir dos anos 60, e que fez uma nova interpretação dos evangelhos a partir dos problemas sociais do continente. Foi a primeira Teologia histórica a nascer no terceiro mundo e por isso sempre esteve muito ‘atenada’ com os problemas da população latino-americana de miséria e exploração. Como escreveu Leonardo Boff: “Proclamaram a Igreja dos pobres e com os pobres”.³

A partir da década de 70, o Centro Social procurou uma maior aproximação com as classes populares, apoiando certos instrumentos de mobilização como sindicatos, associações de trabalhadores e de bairros, além de iniciativas de resistência dos trabalhadores rurais. Mas, esse contato com as bases tem que sempre levar em conta que os pobres são os responsáveis por sua libertação e não precisam de um partido ou intelectuais que decidam por eles. Como podemos perceber claramente na afirmação de Paulo Cezar Lisboa, no encontro das obras sociais da Companhia de Jesus em Salvador: “Não se tem uma proposta ou modelo definido de atuar na sociedade, mas seja qual for o projeto de atuação, tem que sempre levar em conta a participação crítica e autônoma do povo”.⁴

O CADERNO DO CEAS: A PALAVRA DOS QUE NÃO TEM PALAVRA

O CEAS se confunde com os seus cadernos que surgiram pela necessidade de se ter uma análise lúcida da realidade, em época de difícil acesso às informações por causa da censura. Os cadernos do CEAS refletem a própria instituição e seus objetivos, são fruto das transformações ocorridas em setores da Igreja e sua clara opção pelos pobres. Nasceram da Ação Católica e por terem surgido no período do regime militar foram orientados contra o regime autoritário utilizando como armas, as forças das idéias. É importante frisar que o CEAS nunca aprovou a luta armada como saída à ditadura militar.

No caderno do CEAS, sempre ocorreu a participação dos leigos que contribuíram com as Ciências Sociais. Os *Cadernos* sempre se mantiveram abertos aos intelectuais marxistas ou a

outras correntes sócias-políticas, como bem observou o professor Crisóstomo: “Creio que a revista foi, durante todo esse tempo, (...) uma grande experiência de sincretismo baiano, um corredor, um canal de comunicação e diálogo entre setores de inspirações diversas que tem importância na formação de uma cultura política no Brasil”.⁵ E foi esse ‘sincretismo’ que deu ao CEAS e seus *Cadernos*, uma maior aceitação nas esquerdas.

Durante o regime militar, os *Cadernos* levaram dados, denúncias e uma outra maneira de entender a realidade nacional (diferente da imagem imposta pelos militares) e isso ocorria quando a grande imprensa estava censurada. Logo em seu primeiro número, o Caderno do CEAS transcrevia um documento da CNBB criticando o AI-5 e afirmando que: “Nosso ardente desejo, traduzido em apelo a todos os homens de boa vontade, principalmente aos atuais responsáveis pelo destino da Nação, é que se leve a termo, quanto possível, a redemocratização do regime”.⁶

O CADERNO DO CEAS ROMPENDO OS ANOS DE CHUMBO

Os *Cadernos* serviram para romper a censura imposta pelos militares e representou uma chama viva contra o endurecimento político; serviu de denúncia contra as prisões, torturas e violência, brigando diretamente contra a ditadura. Agora, é necessário que se saliente uma coisa, os *Cadernos* do CEAS têm uma tiragem pequena, pois, a sua linguagem não é popular e trata os assuntos de uma forma acadêmica, então, fica mais restrito aos intelectuais, estudantes, professores e alguns grupos de profissionais liberais; talvez, seja também uma das explicações para que o CEAS nunca tenha sofrido uma invasão pelo Regime.⁷ Porém, esse grupo que pode não ser tão extenso, é formador de opinião e tem uma grande influência e representação junto à sociedade civil. E isso certamente desagradava os militares.

E o maior conflito que o grupo do CEAS teve com o regime por causa dos seus *Cadernos*, foi a edição de número 27, de outubro de 1973, que foi apreendida nos correios pela polícia federal. Os *Cadernos* sempre foram todo pensado na sede do CEAS em Salvador, porém, eles eram e ainda são editados em São Paulo, pela Loyola, chegando na capital baiana pelos correios. Mas,

a edição de número 27, intitulada *Uma Igreja a caminho do povo* foi retida pela Polícia Federal ainda nos correios não chegando ao seu destino final. O que tinha nessa edição que fez a repressão tomar tal atitude extremada?

Ela reproduzia na íntegra os manifestos *Eu ouvi os clamores do meu povo*, documento dos bispos do Nordeste e *Marginalização de um povo*, documento dos bispos do Centro-Oeste; além de um pronunciamento de D.Paulo Evaristo Arns feito em 5 de maio de 1973. Foi um exemplo claro de afronta aos militares feito pelo CEAS. No seu livro *A Censura Política na Imprensa brasileira 1968-78*, Paolo Marconi cita algumas proibições feitas pela Polícia Federal à imprensa no ano de 1973, em uma delas estava sentenciada: “fica terminantemente proibida qualquer divulgação por imprensa falada, escrita ou televisada (sic) do manifesto dos Bispos nordestinos ou de referência ao mesmo, intitulado ‘Eu ouvi os Clamores do Meu povo’ ”.⁸

O documento estava proibido de ser citado por qualquer tipo de imprensa, mas, mesmo assim o CEAS vai publicá-lo por inteiro, junto com o *Marginalização de um povo* também proibido. Mas o que expressava esses documentos que perturbavam tanto os militares? Eles eram um protesto feroz contra a ditadura, o *Eu ouvi os clamores do meu povo*, “o documento mais radical que uma força política não clandestina jamais ousara publicar desde 1964”⁹ esbravejava:

“A inviolabilidade do lar, o habeas Corpus, o sigilo da correspondência, as liberdades de imprensa, de reunião e de livre expressão do pensamento, são direitos que foram subtraídos ao povo. A liberdade sindical e o direito de greve foram arrebatados à classe operária. Para conter resistências a tais condições de opressão e injustiça, a violação desses direitos humanos é excedida por atos de violência ainda maior. **O terrorismo oficial** (grifo meu) instituiu o controle através da espionagem interna e da polícia secreta recorrendo com freqüência à tortura e ao assassinato”.¹⁰

Não havia mais o que esconder, estava bem claro para alguns bispos do Nordeste que assinaram os documentos junto com o Vice-provincial dos Jesuítas e o abade do mosteiro de São Bento, ambos da Bahia, que o Brasil estava sendo governado por ‘Terroristas Oficiais’ que utilizavam os meios mais desumanos, como tortura e assassinatos, para continuarem controlando a situação. Essa foi apenas mais uma das inúmeras vezes que a Cruz e a Espada se enfrentariam.

No ano de 1973, o movimento estudantil já estava sufocado, os movimentos sociais abafados, a imprensa e as artes amordaçadas pela censura, os partidos políticos que existiam (ARENA e MDB) controlados e as últimas resistências armadas sendo desarticuladas e seus integrantes mortos ou presos.¹¹ E foi nesse contexto que a oposição do clero católico se tornou cada vez mais importante. No Brasil, e particularmente na Bahia, nenhum movimento político-social de esquerda ou de reivindicações democráticas de grande repercussão ocorreu sem a participação e/ou proteção de setores da Igreja Católica.

O CEAS E O MARXISMO

O CEAS foi influenciado pelo marxismo, reinterpretando-o de acordo com a sua visão cristã. Já em seu caderno de número sete, de julho de 1970, intitulado *Marx, Cristianismo, Luta de classes*; era transcrito o texto do jesuíta italiano Oswald Von Nell que afirmava que Marx ensinou aos cristãos que “as estruturas sociais concretas não devem ser aceitas assim como se apresentam, como se fossem estruturas naturais; estas não são (...) categorias ‘eternas’ elas, muito mais do que um ‘dato’, são um problema”.¹²

Segundo o sociólogo brasileiro Michael Löwy, os teólogos da Libertação utilizaram o marxismo para responder aos problemas do seu tempo, reformulando-o de acordo com sua concepção religiosa e também de sua experiência social, adaptando-o a sua realidade latino-americana, pois, o marxismo além de ser uma ciência social, se baseia em uma opção de conhecimento da

realidade, mas, para transformá-la. E carrega em si uma utopia futura de libertação dos trabalhadores, ou seja, dos pobres, dos excluídos.¹³

Um dos textos publicado no caderno do CEAS que mais causou impacto político na Bahia estava no Caderno 37, *Que faria São Tomás de Aquino diante de Karl Marx?* De Dom Hélder Câmara. Era a descrição da palestra que o Arcebispo fez na Universidade de Chicago pela comemoração do sétimo centenário da morte de São Tomás de Aquino. Esse texto é bem representativo do pensamento do CEAS em seu diálogo com o marxismo. Ele começava o texto afirmando que: “A primeira vista, não é fácil entender e aceitar, que nos Estados Unidos, em pleno século XX, a Universidade de Chicago, gaste tempo para comemorar o 7º centenário da morte de S. Tomás de Aquino”.¹⁴

Ele propunha que a Igreja norte-americana procurasse interpretar um pensador contemporâneo, Karl Marx. E aos que poderiam se negar a fazê-lo, pois, ele era “materialista, ateísta militante, agitador, subversivo, anticristão” ele avisava:

“Quando um homem, filósofo ou não, empolga milhões de criaturas humanas, sobretudo de jovens; quando um homem inspira a vida e a morte de grande parte da humanidade, e faz poderosos da terra tremer de ódio e de medo, este homem merece que o estudemos, como certamente o estudaria quem enfrentou Aristóteles e dele soube destacar tudo o que havia de certo”.¹⁵

O autor destacou que apesar do pensamento e prática marxista assustarem os cristãos, eles (o pensamento e prática marxista) deveriam ser entendidos e não abandonados. Então, o Arcebispo de Olinda e Recife propôs que se começasse logo o diálogo entre os Cristãos e os marxistas na Igreja norte-americana, pois, mesmo com certas divergências de visões da realidade, de concepções da existência, porém, no final eles tinham um mesmo fim que era a libertação (ou emancipação) do povo, existia um ideal de mudança, de luta contra os poderosos.

¹ Mestrando em História Social pela Universidade Federal da Bahia – UFBA.

² Marivalda Dantas dos REIS, *Estudo de Caso: CEAS - Centro de Estudos e Ação Social*, p.11.

³ Leonardo BOFF. *A Teologia da Libertação - balanços e perspectivas*, São Paulo: Editora Ática: 1996. P.9.

⁴ Caderno do CEAS nº143. pp61-62.

⁵ Caderno do CEAS. nº150, março/abril, 1994. P.18.

⁶ Caderno do CEAS, nº1, março, 1969.P.5.

⁷ Mas, isso não quer dizer que os integrantes do CEAS não tivessem tido problemas com os militares. Além de processos, o Padre italiano Cláudio Perani só não foi mandado de volta para a Itália por causa da ação enérgica do bispo Dom Avelar Brandão Vilela que foi buscá-lo no aeroporto dois de julho.

⁸ Paolo MARCONI, *A Censura Política na Imprensa brasileira 1968-78*, São Paulo: Global editora, 1980. P.254.

⁹ Márcio Moreira ALVES, *A Igreja e a política*, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978. p. 299.

¹⁰ Caderno do CEAS, nº27, outubro, 1973, p.50.

¹¹ Para saber mais sobre o movimento estudantil na Bahia no período ver as dissertações de mestrado da FFCH-UFBA: Silvio C. S. BENEVIDES, *Proibido proibir – Uma geração na contramão do poder*; Antonio Mauricio Freitas BRITO, *Capítulos de uma história do Movimento Estudantil na UFBA (1964-1969)*; José Alves DIAS, *A subversão da Ordem: Manifestações de rebeldia contra o regime militar na Bahia*; Antonio Eduardo Alves de OLIVEIRA, *O ressurgimento do movimento estudantil baiano na década de 70. Sobre a Luta Armada* ver Sandra Regina B. da SILVA, *“Ousar lutar, ousar vencer”:* histórias da luta armada em Salvador (1969-1971). Sobre o PC do B, ver Andréa Cristiana SANTOS, *Ação entre Amigos: história da militância do PC do B em Salvador (1965-1973)*. E sobre a importância da Igreja na rearticulação dos movimentos sociais na década de 70 ver, Maria Victória ESPÍNEIRA, *O partido, a Igreja e o Estado nas associações de bairros*.

¹² Caderno do CEAS, nº7, julho, 1970, p.9.

¹³ Michel LÖWY. *A guerra dos deuses*. Religião e política na América Latina. Petrópolis, Rj: Editora Vozes.

¹⁴ Cadernos do Ceas nº37.p.52.

¹⁵ Cadernos do Ceas nº37.P.53.